

GÊNEROS TEXTUAIS, CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Lenilza Teodoro dos Santos - Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Mauro Roque de Souza Junior - Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Introdução

O cenário da educação brasileira tem passado por inúmeras tentativas de mudanças, especialmente no que tange às políticas educacionais voltadas para a Educação Escolar Indígena, apesar disso, ainda não somam o total desejado.

Na educação escolar indígena encontramos, também, a necessidade e a demanda de estratégias político-pedagógicas como instrumento de transformação da comunidade escolar atendida.

Para isso, em dezembro de 2005, a Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, localizada no município de Santa Cruz Cabrália, extremo sul da Bahia, e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) fomentaram uma relação de compromisso e troca entre a UNEB e a comunidade indígena, com a implantação de cursos de extensão, instituído através do Projeto “Universidade na Aldeia”.

Esse projeto foi solicitado pelos jovens da Aldeia Pataxó como uma das prioridades para minimizar a situação de risco social na qual encontravam-se jovens e adolescentes indígenas de Coroa Vermelha. A demanda foi verificada no Encontro de Educação que ocorreu de 03 a 05 de novembro de 2005 e contou com o apoio da UNEB e da FUNAI tendo sido realizado no ano de 2006, constou de três cursos nas áreas de leitura e produção textual, língua inglesa e língua espanhola.

O curso de Leitura e Produção Textual tem como pressupostos teórico metodológico a Análise de Discurso aliada à Educação Intercultural e teve como objetivos estreitar a relação e compromisso da Universidade do Estado da Bahia, *campus XVIII – Eunápolis* e as comunidades do seu entorno; contribuir para a formação crítica de locutores efetivos no processo de leitura e produção de textos; devolver a palavra ao aluno indígena para a compreensão e valorização de fatos relacionados à sua comunidade e desenvolver estratégias de produção textual com base em necessidades reais de comunicação.

Dentre os gêneros trabalhados, foi escolhido para análise, o gênero textual narrativo, cuja temática foi direcionada para a preservação do meio ambiente, a partir de necessidades contemporâneas de conscientização da importância do *habitat* no qual o homem (nesse caso) o Indígena Pataxó de Coroa Vermelha está inserido.

Esse trabalho fez parte de um conjunto de ações com vistas à elaboração de um projeto de implantação de Curso de Licenciatura Intercultural destinado às Comunidades Indígenas do Estado da Bahia.

1 Análise de Discurso e Ensino

A Análise de Discurso (AD), teoria que teve o seu início nos anos 60, constitui-se como herdeira de “três domínios disciplinares que são ao mesmo tempo uma ruptura com o século XIX: a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise” (ORLANDI, 2000, p. 19).

Ao inscrever-se num quadro que articula o lingüístico com o social, tendo como objeto o discurso, considerado como integralmente social e integralmente histórico, a Análise de Discurso apóia-se nos conceitos e métodos da Lingüística, ao estudar as condições lingüísticas de produção de um enunciado, ao tempo que a extrapola na medida em que considera: o quadro das instituições em que o discurso é produzido, delimitando a enunciação; os embates históricos e sociais que se cristalizam nos discursos e o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso.

Dessa forma, a linguagem passa a ser um fenômeno a ser estudado em duas dimensões: em relação ao seu sistema interno, enquanto formação lingüística a exigir de seus usuários uma competência específica, e em relação ao seu exterior, enquanto formação ideológica. Sob o olhar de Orlandi (2000), “a Análise de Discurso critica a prática das ciências Sociais e da Lingüística, refletindo sobre a maneira como a língua está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua”.

Os principais conceitos da AD são o de discurso e ideologia. O conceito de ideologia de Althusser (“formação ideológica”) e o conceito de discurso de Foucault (“formação discursiva”) são as duas grandes vertentes que vão influenciar a corrente francesa da AD. Sob a influência desses teóricos, Pêcheux, importante estudioso da AD, elabora seus conceitos.

A Análise de Discurso de linha francesa trabalha, principalmente, com uma reflexão sobre a significação e as condições sócio-históricas de produção do discurso. Esse enfoque privilegia a relação entre interlocutores, enunciado e mundo. A questão do sentido para a AD extrapola o interior do lingüístico, já que não se preocupa apenas com as formas de organização dos elementos que constituem o texto mas também com a instituição de seu sentido, ou seja, com as condições de produção do discurso.

Uma das principais contribuições da Análise de Discurso no campo do ensino é a compreensão de que a linguagem realiza-se entre locutores socialmente situados e não pode ser considerada independente da sua situação concreta de produção. Desse modo, as práticas pedagógicas que envolvem a produção da linguagem, colocam os interlocutores em relação direta com enunciado e o mundo, materializando o contato entre elementos lingüísticos (sistema de regras e categorias) e o não-lingüístico (lugar de investimentos sociais, históricos, psíquicos...), através de sujeitos interagindo em situações concretas.

Falar em locutores situados é antes de tudo, enfatizar a existência de um sistema de lugares advindos da topografia social dos falantes que se inscrevem, nesse

caso, o aluno e o professor, onde cada um alcança a sua identidade ao ocupar a posição de sujeito da formação discursiva do “discurso pedagógico”.

1.1 Condições de Produção

As premissas básicas das condições de produção compreendem fundamentalmente, sujeitos e situação (ORLANDI, 2000). Assim, ao produzir discursos é importante ressaltar o papel da memória, que quando relacionada ao discurso deve ser tratada como interdiscurso.

O interdiscurso na AD pode ser definido como o conjunto dos discursos que já foram ditos sobre um determinado assunto. Assim, é interessante entender as relações existentes entre sujeito e ideologia para se apreender o funcionamento do discurso. Sua constituição em um dado discurso possibilitará “remeter o dizer a outras filiações de dizeres, a uma memória e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância mostrando seus compromissos políticos e ideológicos” (ORLANDI, 2000, p.32).

Ao referir-se à memória em relação ao discurso como o “já dito”, faz-se necessário distinguir duas formas de esquecimento no discurso que fazem com que o sujeito não tenha acesso às condições reais de produção do próprio discurso, por estar atravessado pela semi-consciência e inconsciência.

Para se produzir um texto em qualquer modalidade é preciso que: a) se tenha o que dizer; b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) se tenha para quem dizer; d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo) (GERALDI, 1995, p. 137).

As condições de produção têm os seus fatores condicionados nas relações de sentido de um discurso sobre outros em contínuo processo, onde o mecanismo de antecipação irá regular a argumentação, com base no lugar de onde o sujeito se constitui.

Esse jogo imagético é o que Pêcheux (1969) chama de “jogo de imagens de um discurso” se apresenta como: a imagem que o sujeito, ao enunciar seu discurso faz: do lugar que ocupa; do lugar que ocupa seu interlocutor; do próprio discurso ou do que é enunciado bem como da imagem que o sujeito ao enunciar seu discurso faz da imagem que o seu interlocutor faz: do lugar que ocupa o sujeito do discurso, do lugar que ele, interlocutor ocupa; do discurso ou do que é enunciado.

Ao se reportar à importância do texto Geraldi (1995, p.135) diz “considero a produção de textos (orais e escritos) como ponto de partida (e ponto de chegada) de todo processo de ensino/aprendizagem da língua.

2 Educação Intercultural

A Escola Indígena, segundo ainda o *Referencial*, tem como características que ela deve ser comunitária, intercultural, bilíngüe/multilíngüe, específica e diferenciada. Concebe-se a escola indígena com característica específica e diferenciada como reflexos das aspirações dos indígenas no que tange o funcionamento e a orientação de seu espaço escolar. A Escola Indígena deve ser comunitária porque precisa ser conduzida pela comunidade indígena onde está inserida, de acordo com seus projetos, concepções e princípios que lhes são próprios, referindo, então, tanto ao currículo como sua gestão. Ela é intercultural porque

“deve reconhecer e manter a diversidade cultural e lingüística; promover uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, lingüísticas e históricas diferentes, não considerando uma cultura superior à outra; estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades étnicas diferentes, ainda que se reconheça que tais relações vêm ocorrendo historicamente em contextos de desigualdade social e política” (MEC,2000b, p.24)

Silva *apud* Fleuri (2003) esclarece que a noção de interculturalidade surge na década de 1980 ganhando novas proporções de caráter propositivo e político-pedagógico nas propostas de educação bilíngüe. Para o autor, a noção de interculturalidade vem estimular a aquisição do conhecimento cultural de outros povos.

Portanto, isso significa que

“não houve somente uma transição de termos conceituais, mas uma mudança no tratamento da pluriculturalidade no espaço da escola. Das preocupações marcadamente lingüísticas, características bicultural e bilíngüe, a interculturalidade considera o contexto sociocultural dos alunos” (p.42)

O termo *educação intercultural* é amplamente utilizado nas produções acadêmicas européias e latino-americanas. Essa educação parte do pressuposto da necessidade de uma intervenção crítica e transformadora da realidade multicultural.

Os estudos e pesquisas realizadas no Brasil sobre a educação intercultural nota-se, porém, a influência norte-americana, uma vez que “*expressam noções que buscam diferenciar os vários tipos de multiculturalismo, sem apresentar preocupações distintas no que diz respeito à interculturalidade*” (idem, p.50).

Ainda o autor destaca alguns elementos do debate acerca da educação intercultural no Brasil, como a consolidação dos estudos no campo dos estudos raciais; propostas pedagógicas de intervenção na realidade multicultural a partir de projetos que visam a atender e valorizar expressões culturais de grupos distintos, como os negros e índios; a denúncia da discriminação racial; a combinação de diferentes culturas convivendo num mesmo território.

Os estudos brasileiros relacionados à educação intercultural determinaram o caminho a percorrer pela Escola Indígena, amplamente discutida e aceita pela legislação educacional específica, pelas políticas públicas de ação afirmativa e pelas pesquisas já realizadas na academia.

Portanto, no cotidiano das instituições de educação escolar e nos processos de formação de professores indígenas estas possibilidades de (inter)relação cultural ainda não se tornaram efetivamente uma práxis, a ponto de reconhecê-la como prática comum.

3 Comunidade Indígena Pataxó de Coroa Vermelha

Existem no Brasil uma diversidade de culturas e costumes com aproximadamente 215 povos indígenas e mais de 180 línguas faladas.

Conhecidos como os temíveis Aimorés, a primeira descrição com o nome Pataxó, foi feita pelos antepassados, em 1850 pelo austríaco Maximiliano Wied Neuwied, próximo ao Monte Arará, situado no sul da Bahia, atual Monte Pascoal.

Os índios Pataxós foram deportados e aldeados, à força, em Bom Jardim, atualmente chamada Reserva Barra Velha, permanecendo esquecidos, durante quase 100 anos, por decisão do governo.

O Parque Monumento Nacional do Monte Pascoal foi criado em 1943 pelo governo do Estado da Bahia. Devido a um grande massacre ocorrido na aldeia de Barra Velha, em 1961, a maior parte do povo Pataxó, escondeu a sua identidade indígena por medo ou para evitar discriminação. Com a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, os indígenas, mais uma vez, foram obrigados a se retirar de suas terras e roças, dando surgimento às aldeias de Coroa Vermelha, Mata Medonha, Águas Belas, além de outras que juntaram os parentes dispersos.

Devido à riqueza da Mata Atlântica que possui uma grande biodiversidade ameaçada de extinção, a Associação Pataxó de Ecoturismo, criou a Reserva Pataxó da Jaqueira, entidade sem fins lucrativos, aberta a visitação, com a finalidade do exercício prático da educação ambiental e da integração dos costumes da comunidade, visando também, fornecer meios necessários para a geração de meios sustentáveis de renda e preservação permanente da mata.

Realizadas em pequenos grupos, as visitas, são acompanhadas por instrutores que explicam com riqueza de detalhes, as principais características do povo e da região, assim como sua alimentação, suas casas, seus rituais e sua forma de vida.

4 Análise de dados

4.1 Metodologia

Através do arcabouço metodológico da Análise do Discurso, foram lidos e discutidos alguns textos com o tema Meio Ambiente. Em seguida procedeu-se à visitação da Reserva Jaqueira com explicações dos costumes e tradições do povo

Pataxó. De volta a escola indígena, foi solicitada uma produção textual com base nas condições de textos escolares, ou seja: a presença de um locutor (estudante indígena), um alocutário (seus pares), um referente (meio ambiente e cultura Pataxó) e uma forma de dizer (texto narrativo).

4.2 Condições de Produção

Foi selecionada uma produção textual, de uma estudante indígena com o tema “Meio Ambiente”, para análise do material discursivo. Ao longo da análise, percebeu-se a constituição de duas formações discursivas: uma voltada para a ecologia e outra para a cultura de sua etnia. Essas perspectivas são pertinentes, pois levam em conta o lugar social ocupado pela aluna, em sala de aula, assim como, sua postura enquanto cidadã indígena consciente dos problemas enfrentados principalmente no que se refere a preservação do meio ambiente, assim como a necessidade de resgate e valorização da sua cultura, antes negligenciada.

As condições de produção estão relacionadas às circunstâncias de enunciação em sentido estrito ou contexto imediato, ou seja, aula de leitura e produção textual voltada para as condições de produção, assim como, ao contexto sócio-histórico ideológico no qual aluna está inserida, nesse caso, aos inúmeros desafios enfrentados pela comunidade indígena Pataxó quanto a demarcação de terras, necessidades de sobrevivência e respeito a sua cultura.

Seu posicionamento discursivo e ideológico centrado no Discurso Ecológico torna-se presente no texto a partir do lugar de cidadã indígena e do jogo de imagens do sujeito que na visão de Orlandi (2000) baseia-se na imagem da posição sujeito locutor, assim como da posição sujeito interlocutor e do objeto do discurso. A partir de um jogo imaginário, partindo da descrição das diversas formas de destruição e poluição ambiental e das conseqüências disso para o ser humano, parte da formação discursiva ecológica quando diz: “– o homem tem destruído nossas florestas, arrancando árvores e nem pensa em fazer o reflorestamento”.

Em seguida o discurso sofre um novo direcionamento, que extrapola a formação discursiva ecológica e passa ao discurso cultural ao retratar costumes e tradições de sua comunidade evidenciada na seguinte fala: “-...preservando nossos costumes como a pintura, a pesca ... temos ervas medicinais para tratar do nosso povo, temos jenipapo para fazer a nossa pintura e fazemos licor ... “

Seu discurso está em consonância com a visão cultural de respeito à diferença, defesa da identidade e da pertença étnica cuja problemática é de abrangência nacional e universal.

Dessa forma essa produção sobre meio ambiente consitui-se num rico material de análise discursiva da postura da estudante indígena frente aos problemas sócio-históricos e ideológicos enfrentados pelos índios brasileiros.

Considerações Finais

Apesar da falta de liberdade de dizer o que pode/deve, pelo fato de estar condicionado a um jogo originado a partir do lugar que ocupa na sociedade, as imagens que são construídas pelo sujeito, no exercício da enunciação, são constituídas no próprio discurso, resultando daí toda a beleza da Análise de Discurso.

Para que esse processo seja efetivo, é necessário que se faça a devolução da palavra ao aluno indígena, como um meio de restituir o direito de proferir o seu discurso, a partir de uma relação interlocutiva.

As maiores dificuldades encontradas na elaboração e implantação de projetos e programas voltados para a educação escolar indígena, assim como para as demais áreas da educação dedicada às pessoas consideradas menores, sempre estiveram ligadas ao pouco, ou nenhum, interesse das autoridades responsáveis pelo sistema educacional em ações educativas que possibilitassem a minimização das desigualdades sociais, nos diversos períodos da história.

Essa falta de interesse constitui-se como resultado da imposição das classes dominantes, cada uma com denominação correspondente ao seu período de ascensão, em manter o que Durkheim e Parsons (1971, p.41) denominaram como “reprodução da estrutura de classe” e Bourdieu e Passeron (1975, p.20), como “reprodução das ideologias das classes dominantes”.

Para Bourdieu e Passeron (1975), as representações ideológicas se dão a partir dos que denominaram como “violência simbólica”, ou seja, uma violência que está pautada na relação de poder do dominador sobre o dominado, quando a este são impostas significações desconhecidas como legítimas, dissimulando uma relação. Porém essa relação se dá tendo a força do dominador como forma de imposição de significações, o que pode ser compreendido como “dominação cultural”.

Tendo essas considerações como pano de fundo,

A idéia e as ações iniciais voltadas para a realização do processo de elaboração do Projeto de Implantação de um Curso de Licenciatura Intercultural tiveram suas origens dentre os próprios membros das comunidades indígenas baianas. A concretização de suas idéias teve como ponto de partida a organização e a realização do 1º Seminário de Educação Superior Indígena, realizado em março de 2005, na Escola Indígena de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia, com o apoio da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

Nesse Seminário foi elaborada uma Comissão constituída de representantes da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia (CEFET-BA), da Secretaria de Estado da Educação da Bahia, das Comunidades Indígenas do Estado da Bahia, da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e do Ministério da Educação.

Dentre os diversos trabalhos realizados pela Comissão está a elaboração de um projeto de previsão de atividades que levaram à elaboração do Projeto do Curso, o qual fora contemplado com recursos do Programa de Formação Superior e

Licenciaturas Indígenas (PROLIND/MEC) para construção do Projeto do Curso de Licenciatura Intercultural.

O Projeto contou com a efetiva participação de professores/as das etnias Kiriri, Tuxá, Pataxó, Pataxó Hãhãhãe, Kaimbé, Kantaruré, Xucurú-Kariri, Pankararé, Pankarú, Tupinambá e Tumbalalá.

Referências

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

DIONÍSIO, Ângela Paiva et alli.(orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed: Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DURKHEIM, É. **Educação e sociologia**. 7.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

FLEURI, R. M. (org.). **Educação intercultural**: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagens**. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade, In.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. In. MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). Trad. E.P. Orlandi et al. In GADET, F. & HAK, T. (orgs.) *Por uma análise automática do discurso*: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990. (TÍTULO ORIGINAL, 1969).

RESERVA PATAXÓ DA JAQUEIRA. <http://www.rabarsa.com/pataxo/proj.html>. Acesso em 30/06/2007.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a Civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SOARES, M. **Linguagem e escola**. 7.ed. São Paulo: Ática, 1988.